

Clima ruim no ar

O clima está esquentando – em vários sentidos. Desde inesperados fenômenos naturais – surpreendentes pela intensidade ou pela rara incidência – até as negociações diplomáticas dentro da recém-realizada Conferência da ONU sobre Mudanças Climáticas, passando pelo fato de 2005 já ser considerado o ano mais quente da história, tudo isso ajuda a jogar lenha em uma fogueira de discussões sobre mudanças climáticas.

E não faltam elementos neste emaranhado. Em 2004, um fenômeno na costa do sul do Brasil, inicialmente classificado como ciclone extratropical, ganhou ares de furacão e o nome Catarina. É considerado o primeiro furacão de que se tem registro no Atlântico Sul. Daí em diante, muitos foram os fenômenos e tragédias que castigaram variadas partes do planeta, deixando no ar a impressão de que aumentam em número e intensidade. Na lista, incluem-se as tsunamis que afogaram a costa da Ásia em dezembro de 2004 (fato que comprovadamente não está relacionado a mudanças no clima), a fúria destruidora do furacão Katrina - que causou prejuízos à cidade norte-americana de Nova Orleans, em agosto deste ano -, assim como Wilma e Rita - que levaram medo a mexicanos, cubanos e habitantes do estado da Flórida em outubro -, sendo mais dois dos furacões que ciclicamente atingem o Golfo do México. No Brasil, fato que é tão catastrófico quanto furacões atingiu a região Amazônica: a seca fez rios volumosos como o Tapajós quase minguarem.

Mas até que ponto estes fenômenos são consequência da ação humana? Esta é a grande questão que se coloca. E provar que a ação antrópica é em grande parte responsável pelo aumento no número de determinados fenômenos é o principal desafio para cientistas e ambientalistas. "Não se sabe exatamente a relação entre estes fatos e o efeito estufa. Há indícios. Este ano foi atípico. Não há condições de estabelecer uma relação com tanta simplicidade", explica o físico e especialista no assunto Luis Pinguelli Rosa, coordenador geral do Fórum Brasileiro de Mudanças Climáticas (Forumclima).

A opinião de Pinguelli - que também é um dos coordenadores da Coordenação dos Programas de Pós-Graduação de Engenharia (Coppe), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) - é a mesma da maioria dos cientistas que estudam o assunto. "Alguns eventos extremos têm ocorrido com mais frequência. Este cenário é compatível com as projeções de um planeta mais aquecido. Essa idéia é consistente, mas temos de admitir que isso pode ter acontecido no passado. Precisamos de um período maior para ter certeza", acredita o doutor em meteorologia Carlos Nobre. Ele coordena o Centro de Previsão de Tempo e Estudos Climáticos (CPTEC) do **Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe)**, órgão nacional responsável por estudar as variações e as tendências do clima.

"As inundações, a seca na Amazônia e no Rio Grande do Sul, os furacões no Caribe etc. Não podemos dizer que tudo é culpa do aquecimento global, mas é uma amostra do que nos espera daqui pra frente", acredita Carlos Rittl, coordenador da campanha de clima do Greenpeace. Pinguelli usa quase as mesmas palavras para analisar a situação. "Não se pode descartar a influência do efeito estufa. É um indício, uma amostra do que pode acontecer daqui para frente. O termômetro da física atmosférica é o termômetro do caos determinista. Não é fácil demonstrar que o aquecimento é a causa dos fenômenos. Existe a possibilidade", explica.

Giulio Volpi, do WWF, relembra que fenômenos antes inesperados em determinadas regiões já começam a acontecer. "No Brasil, foi provado que o furacão em Santa Catarina foi uma amostra do que pode acontecer com o aquecimento global. A trajetória do furacão no Sul condiz com os modelos do Painel Intergovernamental para Mudanças Climáticas das Nações Unidas (IPCC). Mas não era esperado para agora", comenta o coordenador do Programa de Mudanças Climáticas para a América Latina da ONG.